



O Instagram como espaço de resistência e visibilidade para jornalistas negras¹

Vanessa Rosana Soares da Silva Oliveira²

Universidade de Brasília - UnB

A presença de jornalistas negras nas redes sociais, em especial no Instagram, tem configurado novas formas de resistência e visibilidade diante das barreiras estruturais que limitam suas trajetórias profissionais nos espaços tradicionais de mídia. O embasamento teórico utilizado para fundamentar a pesquisa aborda temas cruciais, como o processo de feminização do mercado de trabalho (Yannoulas, 2011), os conceitos de "teto de vidro", barreiras horizontais e interseccionalidade (Moura, 2018; Moura; Costa, 2018; Moura, 2019), e o uso do Instagram como um novo território cultural (Moura et al., 2018).

O Instagram, enquanto plataforma de convergência de linguagens e de afetos, amplia a possibilidade de criação de narrativas próprias, especialmente por mulheres negras jornalistas que, ao ocuparem esse ambiente, desafiam o "teto de vidro" das redações e constroem uma visibilidade insurgente (Hooks, 2019; Ribeiro, 2017). Assim, este trabalho investiga como essas profissionais têm utilizado o Instagram como um espaço de resistência, representação e construção identitária, propondo uma reflexão sobre os limites e potencialidades da esfera digital para o jornalismo contemporâneo.

A pesquisa parte da seguinte questão norteadora: de que modo o Instagram tem sido apropriado por jornalistas negras como instrumento de resistência e visibilidade profissional? A partir dessa pergunta, estabelecem-se como objetivos:

a) compreender as estratégias discursivas e visuais utilizadas por jornalistas negras no

¹ Comunicação Científica por meio de Resumo expandido apresentada no GP Produção Científica, no VIII Encontro Regional Norte e Centro-Oeste de Ensino de Jornalismo (Erejour Norte e Centro-Oeste).

² Doutoranda e Mestra em Comunicação, Universidade de Brasília e temas de pesquisa: ativismo negro feminino digital, jornalismo e plataformas digitais. E-mail: vanessarosanass@gmail.com.



Instagram;

- b) analisar de que forma essas estratégias produzem tensionamentos em relação aos padrões hegemônicos de representação na mídia; e
- c) refletir sobre os impactos dessas práticas na construção de novas territorialidades simbólicas no campo jornalístico.

O estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e interpretativa, fundamentada na análise de conteúdo (Bardin, 2011). O corpus foi composto por perfis de jornalistas negras brasileiras atuantes no Instagram que utilizam a plataforma como extensão de sua prática profissional e como espaço de mobilização política e identitária. A coleta de dados incluiu observação sistemática das postagens, descrição dos elementos visuais e textuais e categorização das narrativas em eixos temáticos relacionados a representatividade, resistência e profissionalização.

Como aporte metodológico complementar, foram aplicadas as primeiras etapas da Netnografia, técnica desenvolvida por Kozinets (2014), que adapta procedimentos etnográficos ao ambiente digital. A partir dessa abordagem, foi possível identificar e observar perfis de jornalistas negras no Instagram, analisando suas práticas profissionais e suas contribuições para o debate sobre gênero e raça nas redes sociais. A Netnografia, por integrar observação, coleta e interpretação de interações online, mostrou-se adequada ao estudo de fenômenos culturais mediados pela internet (Amaral; Natal; Viana, 2023; Soares; Stengel, 2021).

A análise revelou que as jornalistas negras utilizam o Instagram como uma plataforma de reterritorialização da narrativa jornalística, promovendo uma interseção entre identidade, estética e ativismo. As postagens observadas combinam elementos da linguagem jornalística com estratégias de engajamento típicas das redes, como vídeos curtos, legendas afetivas e uso de hashtags relacionadas ao feminismo negro.



Essa combinação produz novos modos de enunciação e rompe com a lógica de neutralidade da mídia tradicional, afirmando a experiência como critério de autoridade narrativa. Assim, o espaço digital se torna simultaneamente um campo de possibilidades e de controle — um território de resistência e vigilância, onde o protagonismo das jornalistas negras desafia o apagamento histórico, mas ainda enfrenta barreiras estruturais de reconhecimento e legitimidade.

A pesquisa conclui que o Instagram se configura como um novo território cultural e político para jornalistas negras, no qual se articulam resistência, pertencimento e produção de sentido. Ao utilizar a plataforma para construir suas próprias narrativas, essas profissionais subvertem hierarquias de poder e afirmam uma educação midiática insurgente, baseada na autonomia e na coletividade.

O estudo reforça a importância de compreender as redes sociais não apenas como espaços de autopromoção, mas como ambientes de disputa simbólica e ampliação democrática, capazes de ressignificar o papel do jornalismo na sociedade contemporânea. Para pesquisas futuras, sugere-se aprofundar a análise do impacto dos algoritmos e das dinâmicas de engajamento sobre a visibilidade de jornalistas negras, bem como explorar comparativamente outras plataformas digitais.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. *Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital*. Cadernos da Escola de Comunicação, Curitiba, v. 1, n. 6, p. 1-12, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/37laPFE>. Acesso em: 15 out. 2023.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

CARNEIRO, S. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. São Paulo: Selo Negro, 2011.



HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

KOZINETTS, R. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014.

MOURA, D.O. *As mulheres jornalistas negras e a identificação do teto de vidro gênero/raça/classe no processo de feminização do jornalismo no Brasil*. In: SER NEGRA: SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO E RAÇA DO IFB, 7, Brasília, 2018. Anais [...]. Brasília: IFB, 2018.

MOURA, D.O.; COSTA, H. *Mulheres jornalistas e o “teto de vidro gênero/raça/classe” a tensionar a carreira das jornalistas negras brasileiras*. In: AGUIAR, L.; SILVA, M.; MARTINEZ, M. (Org.). *Desigualdades, relações de gênero e estudos de jornalismo*. São Paulo: Life Editora, 2018.

MOURA, D.O. et al. “*Gender Intersectionality and horizontal and vertical concentration of women journalists in Brazil, France and Belgic Francophone’s journalism*. An introduction to the question.” In: BRAZIL-FRANCE-FRANCOPHONE BELGIUM JOURNALISM RESEARCH, São Paulo, 2018. Anais [...] São Paulo: SBPJor. 2018.

MOURA, D.O. *Excluídas dentre as excluídas: as jornalistas negras perante o “teto de vidro gênero/raça/classe” no processo de feminização do jornalismo no Brasil*. In: BELISÁRIO, K.; MOURA, D.O.; GUAZINA, L.S. (Org.). *Gênero em pauta: desconstruindo violências, construindo novos caminhos*. Curitiba: Appris, 2019. p. 139-151. 88 MOURA, D. O.;

MOURA, D. O.; FIGUEIREDO, V.; NUNES, Juliana Cézar. *Mídias sociais como plataformas contra o excesso de esquecimento coletivo*. In: Medina, C. et al. (Org.). *Jornalismo e literatura: aventuras da memória*. Braga: Editora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2012. v. 1, p. 9-223.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2006.

SOARES, S.S.D.; STENGEL, M. *Netnografia e a pesquisa científica na internet*. Psicologia USP, São Paulo, v. 32, 2021.

YANNOULAS, S.C. *Feminização ou feminilização? apontamentos em torno de uma categoria*. Temporalis, Brasília, v. 11, n. 22, p. 271-292, 2011.